

Anne Dacier, a tradutora francesa dos clássicos gregos e latinos

Anne Dacier, a French translator of Greek and Latin classics

Narceli Piucco

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Neste artigo, buscou-se relatar sobre a vida e a obra da tradutora e escritora francesa Anne Dacier (1647-1720), a fim de ilustrar o seu importante trabalho de tradução dos clássicos gregos (*Iliada* e *Odisséia*) e latinos (Plauto e Terêncio), em uma época em que o mundo literário era composto predominantemente por homens. Mme Dacier deixou registros das suas estratégias e escolhas tradutórias em prefácios e notas extensas que fez às obras. Para este artigo, o prefácio da sua tradução francesa *Les comédies de Terence* (1683) foi parcialmente traduzido para o português, exemplificando algumas dessas estratégias e revelando, por assim dizer, a concepção da tradução por ela escolhida.

Palavras-chave: Anne Dacier. Historiografia da tradução. *Les Comédies de Terence*.

Abstract: This paper aimed to give an account of the life and work of French writer and translator Anne Dacier (1647-1720), as well as to make her valuable translations of Greek (*Iliad* and *Odyssey*) and Latin (Plautus and Terence) classics known, particularly because at that juncture the literary world was dominated by men. Anne Dacier left notes of her translation strategies and choices not only in prefaces but also in extensive footnotes found in her works. For this paper, the preface of Anne Dacier's translation *Les comedies de Terence* (1683) was partially translated into Portuguese, thus illustrating some of her strategies and revealing, as it were, the translation strategies chosen.

Keywords: Anne Dacier. Translation historiography. *Les Comedies de Terence*.

1 Biografia de Anne Dacier

Segundo a biografia escrita por Garnier (2002), Anne Lefebvre, mais conhecida como Anne Dacier ou Madame Dacier, nasceu em Preuilley-sur-Claise, na França em 5 de agosto de 1647 e morreu no Louvre em Paris, em 17 de agosto de 1720. Filologista e tradutora francesa, traduziu a *Iliada* (1699) e a *Odisséia* (1708) de Homero, o poeta grego Anacreonte e Safo, a poetisa. Ela cresceu em Saumur, onde seu pai, Tanneguy Lefebvre, era professor de grego e latim e lhe ensinou essas duas línguas e outros estudos clássicos. Em 1664, casou-se com o impressor de seu pai, Jean II Lesnier, de quem se separou rapidamente, voltando a se casar mais tarde, em 1683, com André Dacier, interno na academia de seu pai em Saumur.

Com a morte de seu pai em 1672, foi protegida por Pierre-Daniel Huet, arcebispo de Avranches, viajando a Paris com uma parte da edição de Calímaco que ela publicou em seguida (1674) com uma tradução latina e notas. Esse trabalho foi tão bem recebido que ela foi convidada pelo duque de Montausier a contribuir como tradutora da série *Ad usum Delphini*¹, para a qual traduziu obras sobre a história de Roma, a partir das edições organizadas por seu pai: Florus (1674), Aurelius Victor (1681), Etropius (1683), e textos de Dídimo de Creta e Dares Phrygius (1684) sobre as Guerras troianas. Essa ênfase na história e na política militar reflete o tipo de educação adequada para o Delfim da França.

Em 1681, publicou sua versão em prosa de Anacreonte e Safo. Nos anos seguintes, publicou as versões em prosa de Terêncio, peças de Plauto (*Amphytruo*, *Rudens* e *Epidicus*, 1683) e de Aristófanes (*Pluto*, *As nuvens*, 1684) e o teatro completo de Terêncio (1683). Em 1684 ela se retirou com seu marido em Castres, com o objetivo de se consagrar aos estudos de teologia. No ano seguinte, os dois abjuraram o protestantismo, pelo que Luis XIV os recompensou com uma pensão.

Em seguida, publicou novas traduções de Plauto, Aristófanes e Terêncio. Colaborou com o marido em diversas traduções, principalmente novas versões francesas de Plutarco e de Marco Aurélio. Tais traduções de autores antigos estoicos refletiram a simpatia de Madame Dacier pelo neoestoicismo e sua oposição ao neoepicurismo nos debates filosóficos do período. A erudição clássica e a habilidade literária de Madame Dacier lhe renderam o louvor do mais influente crítico literário da França, Nicolas Boileau.

Publicou em 1699 a tradução em prosa da *Iliada*, acompanhada nove anos mais tarde de uma tradução semelhante da *Odisséia*, que lhe conferiram o lugar que hoje ocupa nas letras francesas. Essas traduções fizeram conhecer Homero a muitos homens letrados franceses, entre os quais Houdar de La Motte, e foram igualmente a ocasião de uma retomada da querela entre os Antigos e os Modernos, quando Houdar publicou em 1714 uma versão poética da *Iliada* reduzida e modificada à sua maneira.

¹ Coleção de 64 volumes organizada entre 1670 a 1698 de clássicos gregos e latinos destinados à instrução de Luis, o delfim de França, filho do rei Luis XIV. Os textos latinos tiveram suas passagens impróprias apuradas e censuradas.

Segundo Lejay, P. (In: The Catholic Encyclopedia, 1908), o poema foi reduzido a doze cantos, todas as prolixidades foram eliminadas e foi revisado de acordo com os gostos do século XVIII “moderado e elegante”. Madame Dacier refutou esse ataque no livro *Des causes de la corruption du goût* (Paris, 1714). A parte mais interessante desse trabalho consiste na análise do *Dialogus de oratoribus*, de Cornélio Tácito, na qual Madame Dacier fez observações interessantes sobre a influência dos climas na literatura.² De acordo com Conley (2010), o abade Terrasson publicou a obra *Dissertation critique sur l'Iliade* (1715), na qual afirmou que, com um conhecimento de mundo superior, devido à filosofia de Descartes e o progresso tecnológico, a cultura francesa moderna havia produzido uma literatura superior. Mas a querela foi prolongada e, em 1716, o jesuíta Jean Hardouin publicou uma apologia a Homero, propondo uma nova forma de interpretá-lo. Mme Dacier recusou-a no seu segundo maior livro teórico, *Homère défendu contre l'apologie du père Hardouin*, 1716, um tratado que reiterou seu compromisso com a teoria neoplatônica da exegese e da arte literária, defendendo a superioridade artística da civilização antiga. Na mesma época, Claude Buffier publicou *Homère en arbitrage*, em que concluía que as duas partes convieram que Homero foi um dos maiores gênios que o mundo havia visto e que, no geral, não se poderia preferir nenhum outro poema senão o dele.

Mme Dacier teve um papel considerável na problemática da superioridade ou da inferioridade das línguas da antiguidade greco-romana em comparação às línguas modernas. Tratava-se, sobretudo, da questão da riqueza e da sonoridade das línguas, assim como dos ritmos naturais das línguas modernas em comparação àquelas da Antiguidade.

2 Breve contexto da tradução na França nos séculos XVII e XVIII

De acordo com Berman (1985) a tradução etnocêntrica nasce em Roma com Cícero, Horácio, pela anexação textos gregos, latinizado os termos ao impulso tradutório da romanidade pagã, para constituir sua própria cultura; e com São Jerônimo e a tradução da *Vulgata*. Uma tradução etnocêntrica, segundo Berman (1985), é aquela “que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura.”

Essa concepção da tradução gerou na França, nos séculos XVII e XVIII, as “belas infieis”, cuja preocupação estava no nível estético (número de palavras, beleza, estilo) e cuja principal concepção era sacrificar alguns elementos – formais

² A teoria sustenta que o clima o clima pode influenciar substancialmente a natureza do ser humano e da sociedade. É atribuída a Montesquieu, embora tenha sido mencionada desde a antiguidade (Aristóteles, *A Política*, Livro VII, cap. VI.) Mme de Staël (1766-1817) atribui a diversidade da literatura à diferença dos climas em sua obra *De la littérature, considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, 1959.

ou de conteúdo – do texto original para que o texto de chegada fosse mais bem compreendido, ou apreciado, por seus contemporâneos. Para Milton (1998, p. 57), a tradução tinha de proporcionar ao leitor a *impressão* semelhante à que o original teria suscitado, e a pior maneira de fazê-lo seria através de tradução literal, o que pareceria dissonante e obscuro. Segundo essa concepção, a tradução não deve absolutamente parecer uma tradução, mas uma obra natural e uma produção que pertence ao espírito da língua traduzida. Questões de intraduzibilidade não se faziam presente, pois o tradutor, ao deparar-se com questões difíceis, solucionava os problemas com a recriação.

Com o surgimento do Iluminismo, as traduções dos textos clássicos perdem o prestígio, pois não havia mais a necessidade de se inspirar em filosofias antigas, nem mesmo de estabelecer as normas e o bom uso da língua francesa. Entretanto, neste período, Mme Dacier se empenhou na tradução de textos dos Antigos, apresentando as duas grandes dificuldades de traduzibilidade: a ordem poética e os valores morais. Foi perifrasedo grandes autores clássicos que Mme Dacier encontrou a solução para essas questões tradutológicas.

Um dos reflexos das *belles infidèles* foi o debate na França entre Mme Dacier e Antoine Houdar de la Motte. Ambos buscavam a mesma “fidelidade” na tradução, com a diferença que, para Dacier o importante era o conteúdo da obra e La Motte queria corrigir o original para melhor aderir ao gosto contemporâneo (DELISLE, 1995, p 155). Benoit Léger (2006) cita que desde as primeiras linhas do “Discours sur Homère” que precederam a sua tradução, La Motte se recusava a jogar o jogo do tradutor escravo, cujo mestre deve ser elogiado. Seu discurso fora um “ensaio”, no qual ele expressou “inocentemente” o que ele pensava sobre o texto e seu autor, reconhecendo as suas qualidades, mas também destacando o que já não era aceitável para a época.

Segundo Henri van Hoof (1991), a versão de Anne Dacier das poesias de Anacreonte e de Sapho de 1681 teve um sucesso paradoxal, graças a uma fidelidade e simplicidade não comuns para a época; ela provoca uma discussão muito viva traduzindo em prosa, pois segundo argumento da tradutora: “os poetas traduzidos em versos deixam de serem poetas”. Para Mme Dacier, apenas a prosa convém, porque só a prosa “pode seguir todas as idéias do poeta, conservar a beleza das imagens [...]” Esse princípio é ilustrado nas traduções que ela faz dos outros autores, Plauto e Terêncio. Sua ira contra os tradutores em verso provinha do fato que eles “traíam mais que traduziam”. Mme Dacier é mestre em fidelidade nessa época de ouro das *belles infidèles* e ela prova novamente sua concepção de tradução, publicando uma versão magistral da *Iliada* e da *Odisséia*.

Pode-se citar o trecho do prefácio³ às *Comédies de Terence*, em que Mme Dacier afirma seu entendimento sobre fidelidade na tradução, considerando com cuidado as diferenças entre as línguas.

³ Todos os trechos citados em português foram traduzidos pela autora deste artigo. No prefácio, os nomes dos autores estão em francês e em letras maiúsculas. Os textos transcritos em francês nas notas de rodapé foram corrigidos de acordo com a ortografia vigente.

[...] eu me afasto do texto o mínimo possível, persuadida que quando podemos dizer o que TERÊNCIO disse e como ele disse, é impossível fazer melhor e é a perfeição. Mas como o gênio e os aspectos das línguas são diferentes, a nossa não pode seguir sempre aquela de TERÊNCIO. (DACIER, 1683, p. XXV).⁴

Da mesma forma, no prefácio a sua tradução de *Les Poésies d'Anacréon et de Sapho* (1681), Mme Dacier afirma que todo tradutor deve seguir o espírito da obra original, buscando na sua língua expressões que o autor teria escolhido se ele fosse francês. A sua preocupação com o texto original também é representada pela escolha em colocar a maioria das suas traduções em edições bilíngues.

Conforme Henri van Hoof (1991) as traduções de Mme Dacier, se elas representam o que o século XVII fez de melhor em matéria de fidelidade, continuam, entretanto, prisioneiras de tabus, do bem-estar moral, pois ela jamais traduzia os insultos, palavrões, expressões grosseiras sem atenuá-los.

De acordo com Benoit Léger (2006), Dacier, entretanto, ridiculariza a presunção de La Motte em uma série de textos, mas ainda assim não respeita a estética do original, alterando-o, para evitar o choque aos leitores franceses. Para o autor, alguns adversários da supremacia do gosto francês, que se impõe aos tradutores, contentam-se em denunciar uma prática herdada das *belles infidèles*, mas continuam a produzir traduções que ainda adaptam o texto estrangeiro ao cânone francês. Para Garnier (2002, p. 16), é preciso buscar nas traduções de Anne Dacier a manifestação da tradutora, pois foi com suas palavras que ela se propôs a traduzir. Inúmeras apreciações ou críticas sobre a sua obra sofrem de uma análise insuficiente dos textos traduzidos.

3 Os paratextos e a concepção de tradução de Mme Dacier

A fim de mapear algumas das estratégias de tradução de Mme Dacier, sua relação com os autores e a língua traduzida, buscaram-se informações relevantes nos elementos paratextuais, ou seja, no prefácio, nas notas sobre o título, na capa e nas ilustrações da obra *Les comédies de Terence*, traduzida do latim ao francês em 1688. Não se pretende comparar a obra em latim com a tradução de Mme Dacier em francês, pois seria uma análise extensa e complexa para ser relatada em um artigo.

O uso, na pesquisa na área dos Estudos da Tradução, da análise de prefácios e notas de rodapé dos tradutores contribui à historiografia da tradução, voltada para o

⁴ Je m'éloigne le moins que je puis du texte, persuadée que quand on peut dire ce que TERENCE a dit, et comme il a dit, il est impossible de faire mieux, et c'est la perfection. Mais comme le génie et les tours de langue sont différents, la nôtre ne peut pas toujours suivre TERENCE.

resgate de informações sobre a vida e a obra de tradutores, cuja atividade foi relevante em determinado momento histórico. Por meio da análise dos elementos paratextuais é possível verificar se os textos são apresentados como traduções na cultura de chegada, constituindo traduções assumidas, expressão de Toury (1995) “assumed translation”. Considera-se a leitura desses paratextos uma das principais formas de buscar informações a respeito da concepção de tradutores que, em geral, não escreveram obras específicas sobre o trabalho de tradução.

O conceito de paratexto foi desenvolvido por Gerard Genette é usado comumente na literatura. Para o autor, o texto literário:

“[...] é raramente apresentado sem estar adornado, reforçado e acompanhado de certo número de outras produções, verbais ou não, tais como o nome do autor, um título, um prefácio, ilustrações. [...] elas rodeiam o texto e o estendem, precisamente para apresentá-lo, no sentido usual deste verbo, e num sentido mais forte: fazer presente, garantir a presença do texto no mundo, sua “recepção” e consumo sob a forma (atualmente, pelo menos) de um livro. Esse tipo de produção, que varia em extensão e aparência, constitui o que eu chamei [...] de paratexto [...]. O paratexto é aquilo que permite que o texto se torne um livro e seja oferecido enquanto tal para seus leitores e para o público de um modo geral [...]” (GENETTE, 1997, p. 1 – grifos do autor).

A edição consultada nesta pesquisa é bilíngue, publicada pelo editor Gaspar Fritsch, em Rotterdam, Holanda, em 1717, primeiro tomo de 511 páginas. A capa dessa obra tão rara chama a atenção por conter o nome da tradutora em letras grandes, o que mostra o valor do trabalho de Mme Dacier. Essa maneira de expor seu nome nas capas é observada em todas as suas outras traduções disponíveis em formato digital. Segundo Genette (1982, p.10), a capa é um elemento fundamental que fornece de imediato ao leitor uma primeira percepção do produto, provoca uma emoção antecipada no leitor e pode até se tornar um pré-julgamento do que está contido no texto.

O desenho do belo frontispício representa o escravo Terêncio oferecendo suas Comédias à República romana, que lhe dá em troca a liberdade. No início da obra, há um “privilège”⁵ escrito em alemão por Simon Van Beaumont. O prefácio é composto por 56 páginas, iniciando com louvores ao autor Terêncio e a comparação de sua escrita dramática com aquela de Plauto, autor traduzido em 1683 por Mme Dacier.

Depois do prefácio, há um poema em latim com louvores a Anne Dacier, com o título: ANNAM FABRAM DACERII, escrito por C. L. Fraguier. A parte seguinte é sobre a vida de Terêncio, escrita por Suetônio, traduzida por ela e

⁵ No Antigo Regime, o privilégio do Rei, ou privilégio, era uma autorização exclusiva para imprimir um livro. Esta autorização era emitida depois da leitura do manuscrito pelos censores reais.

acrescida de longos comentários em foma de nota de rodapé.

Em seguida, Mme Dacier explica, em uma parte que chama de *Remarques sur le Titre* (Notas sobre o título) a decisão de alterar a ordem das Cenas e dos Atos, motivada pela existência de alguns manuscritos da Biblioteca do Rei, mostrados a ela por M. Thevenot e que traziam desenhos antigos de mais de 800 anos (ver figura seguinte), em que os gestos e atitudes dos personagens representam perfeitamente as paixões e os movimentos que o poeta quis dar aos personagens.

Não havia ator algum que não tivesse máscara, e por isso no início de cada Comédia há um quadro no qual se vê tantas máscaras quanto Atores, mas essas máscaras não eram feitas como as nossas que cobrem apenas o rosto, era uma cabeça inteira que cobria toda a cabeça do Ator. [...] não havia máscara sem cabelo. (DACIER, 1683, p. XL)⁶.



Figura 1. Máscara dos personagens da comédia “Andria”

⁶ Il n’y avait point d’Acteur qui n’eût un masque : c’est pourquoi à la tête de chaque Comédie il y a une Planche où l’on voit autant de masques qu’il y a d’Acteurs ; mais ces masques n’étaient pas faits comme les nôtres qui couvrent seulement de visage, c’était une tête entière qui enfermait toute la tête de l’Acteur. [...] il n’y avait point de masques sans cheveux.

Os objetos e os personagens representados nas figuras foram fatores determinantes no momento da tradução:

[...] na primeira cena de Andria, primeiro e terceiro verso, vê-se entrar na casa de SIMON dois Escravos, um carrega um jarro e outro peixes; vê-se SOSIE que se aproxima de SIMON e segura uma colher grande, o que confirma que quando ele diz “*ut cur entur rectè he*”, fala em termos de cozinha. [...] isso deveria deixar os Críticos menos duros e ensiná-los que do que eles não entendem ou onde não vêem a beleza, não é sempre valido que isso seja corrigido ou suprimido. (DACIER, 1683, p. XLII, LV)⁷.



Figura 2. Andria, Ato I, Cena I

⁷ Dans la première Scene de l'ADRIENNE, le premier et le troisième Vers, on voit entrer dans la maison de SIMON deux Esclaves, dont l'un porte une bouteille, et l'autre des poissons ; on voit SOSIE qui s'approche de SIMON, et qui tient dans la main une grande cuillère, ce qui marque très bien que quand il dit *ut cur entur rectè hec*, il parle en termes de cuisine. [...] Cela devrait rendre les Critiques moins hardis, et leur apprendre au moins que ce qu'ils n'entendent pas une chose, ou qu'ils n'en voyent pas la beauté, il ne s'ensuit pas toujours qu'elle doive être, ni corrigée, ni retranchée .

Inserem-se abaixo alguns trechos do prefácio, apenas para exemplificar brevemente o vasto conhecimento que a tradutora possuía dos autores e das obras que traduzia. A autora mostra que conhece outras obras dos autores, o estilo e características que lhe são próprios, o que seriam elementos fundamentais para o êxito em seu trabalho de tradução.

Disse que PLAUTO era mais espirituoso que TERÊNCIO, que estava acima dele pela vivacidade da ação e pelo “nó das intrigas” e enfim, que fazia mais agir que falar. [...] De fato, na poesia de TERÊNCIO não há essa vivacidade na ação e essa variedade de incidentes que inflamam a curiosidade e deixam os pensamentos impacientes para saber como será o desfecho, mas ele causa prazeres mais frequentes e mais sensíveis [...]. (DACIER, 1683, p. VI, VIII)⁸.

Para ela, não há nada mais vasto que a Poesia em geral, em particular a poesia dramática, na qual os homens têm os mais diversos talentos. O seu conhecimento da poesia dramática latina se sobressai, assim como aquele das teorias de Aristóteles para tal gênero, o que pode ser percebido pelas diversas passagens sobre o autor que são escritas por Mme Dacier.

TERÊNCIO reina sem rival nesta parte, pois sempre retrata os homens em sua forma natural, e dessa forma ele se comprometeu, se ousou dizer, a dar sentido ao seu retrato, não apenas ao seu século, mas a todos os séculos, o que não é uma empresa de um espírito limitado. [...]” (DACIER, 1683, p. XI)⁹.

Sobre a Comédia, ela sublinha ainda a maestria de Terêncio em fazer comédias com sutileza que, em sua opinião, é o objetivo nesse gênero:

As galhofas e as zombarias devem ser inseparáveis da Comédia. Todas as chacotas de Terêncio tem uma sutileza, se me é permitido usar este termo, uma polidez infinita, elas não me fazem rir da forma como citou HOMERO, “infinita”. (DACIER, 1683, p. XVIII)¹⁰.

⁸ J'ai dit que Plaute avait plus d'esprit que Terence, et qu'il était au dessus de lui par la vivacité de l'action, et par le noeud des intrigues, et enfin qu'il fait plus agir que parler. [...] Veritablement il n'a pas cette vivacité d'action, et cette variété d'incidents qui enflament la curiosité, et qui jettent l'esprit dans l'impatience de savoir de quelle manière se fera le denouement. Mais il donne des plaisirs plus fréquents et plus sensibles.

⁹ Terence regne sans rival dans cette partie; car il peint toujours les hommes au naturel, et par là il s'est engagé, si j'ose dire, à rendre raison de ses peintures, non seulement à son siècle, mais à tous les siècles; et ce n'est pas l'entreprise d'un esprit borné.

¹⁰ Les plaisanteries et les railleries doivent être inséparables de la Comédie. [...] Toutes les plaisanteries de Terence sont d'une legereté, s'il m'est permis de mes servir de ce terme, et d'une

Encontram-se alguns comentários e críticas a outras traduções francesas e italianas da obra de Terêncio. Conhecer outras traduções é uma habilidade de um tradutor minucioso, é buscar conhecer a obra traduzida não apenas no espaço da língua e da cultura receptora, mas em outras línguas e culturas. Segundo Berman (1995), o horizonte de uma retradução francesa é triplo: as traduções anteriores, em francês; as outras traduções francesas contemporâneas e as traduções estrangeiras.

Non parlerai de toutes les autres Traductions françaises que foram feitas desse poeta. [...] O poeta LE BAÏF fez uma Tradução do EUNUCO em verso, é a única que me agradou. Ela é muito simples e engenhoso e, com exceção de umas vinte páginas em que o tradutor não compreendeu bem o sentido, todo o resto é muito felizmente traduzido. (DACIER, 1683, p. XXVIII, XXIX)¹¹.

Mme Dacier expressa na citação abaixo sua concepção de tradução e fidelidade, no momento em que critica a tradução palavra por palavra e a liberdade de remodelar a tradução ao gosto do tradutor, da língua e cultura de chegada.

TERENCIO foi também traduzido em Italiano e eu vi uma tradução impressa em VENEZA e, tudo o que posso dizer, é que o tradutor não pôde aproveitar todas as vantagens da língua, que é mais apropriada que nenhuma outra para verter as graças do original [...], pois onde existe alguma dificuldade, ele a deixa toda intacta, servindo-se das mesmas palavras e do mesmo traço. [...] Além dessa Tradução em Italiano, foi feita outra da segunda Comédia com outro nome, LA MORA. Há muitas coisas boas nessa Tradução, mas o Autor teve tanta liberdade que se busca em vão TERENCIO em TERENCIO. (DACIER, 1683, p. XXIX, XXX)¹².

politesse infinies : véritablement elles ne font pas rire de ce rire qu'Homere appelle (termo em grego ilegível) c'est-à-dire, qui ne finit point.

¹¹ Je ne parlerai point ici de toutes les autres Traductions Françaises qui ont été faites de ce Poète. [...] Le Poète LE BAÏF fit une traduction de l'EUNUQUE en Vers, c'est la seule qui m'ait fait plaisir. Elle est très simple et très ingénieuse, et si l'on en excepte une vingtaine de pages ; où le Traducteur n'a pas bien compris le sens, tout le reste est très heureusement traduit.

¹² TERENCE a aussi été traduit en Italien, j'en ai vu une traduction imprimée à Venise et tout ce que j'en puis dire, c'est que le Traducteur n'a pas su profiter de tous les avantages de la langue, qui est plus propre qu'aucune autre à rendre les grâces de l'original. [...] car partout où il y a quelque difficulté, il la laisse toute entière, en se servant des mêmes mots et du même tour. [...] Outre cette Traduction entière de TERENCE en Italien, il a été fait une de la seconde Comédie sous un autre nom, LA MORA. Il y a de très bonnes choses dans cette Traduction ; mais l'Auteur y a pris tant de liberté que souvent on cherche inutilement TERENCE dans TERENCE même.

A sua concepção de tradução vem em seguida, e a tradutora é clara e objetiva ao manifestar a sua maneira de traduzir o autor Terêncio, com uma resposta bem definida ao leitor e ao crítico sobre como realizou o trabalho e porque o fez dessa forma. A tradutora manifesta suas escolhas que consistem em não se afastar muito do texto traduzido, concedendo sempre uma liberdade às diferenças das línguas.

Non sei que jugement farà o público, ela não agradará talvez àqueles críticos minuciosos que contam as palavras e as sílabas do texto e querem que a tradução a ele se iguale palavra por palavra. A minha não é feita para essas pessoas, eu me afasto do texto o mínimo possível, persuadida que quando podemos dizer o que TERÊNCIO disse e como ele disse, é impossível fazer melhor e é a perfeição. Mas como o gênio e os aspectos das línguas são diferentes, a nossa não pode seguir sempre aquela de TERÊNCIO. Logo, fui obrigada a procurar as belezas da minha Língua, assim como ele as procurou na sua. (DACIER, 1683, p. XXIV, XXV)¹³.

É importante considerar que as traduções de Mme Dacier são de grande valia para os Estudos da tradução e a historiografia das obras traduzidas, pois os prefácios e as notas escritos pelos tradutores indicam os caminhos para traçar a história da tradução dos clássicos. A tradutora manteve uma relação ética ao acolher seus leitores com os paratextos que escreveu, inserindo-se em seu trabalho tradutório de forma explícita e implícita. Como cita Génette (1997), por meio dos paratextos, ela consegue se fazer presente, garantir a presença do suas traduções no universo literário. Esta breve análise do prefácio das *Comédies de Terence* mostra que o projeto de tradução de Mme Dacier era abrangente e por isso perdura, influenciando outras traduções, diferentemente daqueles que nada escreveram sobre o seu labor.

Uma dessas influências para a literatura brasileira foi, segundo a pesquisadora Raquel da Silva Yee, a motivação inicial de Odorico Mendes para realizar a tradução da *Iliada* e da *Odisséia*, vinda de sua irmã que lera em francês a obra de Homero (a tradução em prosa de Mme Dacier). Essas informações foram sustentadas pelo prólogo manuscrito do tradutor, encontrado pela pesquisadora no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis:

Acabada a publicação do meu Virgílio, cogitei a maneira de não

¹³ Je ne sais quel jugement en fera le public, elle ne plaira peut-être pas à ces critiques pointilleux qui comptent les mots et les syllabes du texte ; et qui veulent que la traduction y réponde mot pour mot. La mienne n'est pas pour ces gens-là ; je m'éloigne le moins que je puisse du texte, persuadée que quand on peut dire ce que TERENCE a dit, et comme il a dit, il est impossible de faire mieux, et que c'est la perfection. Mais comme le génie et le tour des Langues sont différents, la nôtre ne peut pas toujours suivre Terence. J'ai donc été obligée de chercher les beautés de notre langue, comme il a cherché les beautés de la sienne.

ficar ocioso. He mui provavel que não me lembrasse da Iliada se minha irmã do lado materno D. Militina Jansen Muller, apaixonada de Homero que lera em francez, assim não me dicesse: “Depois de teres traduzido Virgilio, ou compõe obra tua, ou traduzes a Iliada.” Quanto a compor obra minha, sei bem que a um homem de sessenta annos já falta imaginação, e que tudo que eu produzisse, a não ser inteiramente insipido, seria medíocre; e de poesias mediocres ha excessiva quantidade. (HOMERO. *Iliada*, 1863?).

De acordo com Yee (2009), no prólogo, Odorico Mendes afirma ter limitações com o idioma grego e que, para traduzir Homero, fez constantes consultas a outras traduções da *Iliada*, mencionando os trabalhos de Alexander Pope, Mme Dacier, Bigman, Rochefort, Giguët, Salvini e outros. Henrique Alves de Carvalho, editor e revisor da primeira Edição de 1874 da *Iliada* traduzida por Odorico, afirma em seu prefácio: “Monti, é fama, de entre os que traduzido têm a Iliada, é um dos mais felizes, e a tradução francesa de Mme Dacier passa como sendo de superior mérito.”

4 Obras de Anne Dacier

- *Des causes de la corruption du goût*, Paris : Rigaud, 1714. (Disponível *online*: <http://books.google.fr>)

- *Homère défendu contre l'apologie du père Hardouin*, Paris : Jean-Baptiste Coignard, 1716. (Disponível *online* : <http://books.google.fr>)

Traduções (do latim)

- Traduções para a série *ad usum Delphini*, sobre história de Roma: *Florus* (1674), *Aurelius Victor* (1681), *Etropius* (1683), e textos sobre as Guerras troianas de Díctis de Creta e Dares Phrygius (1684).

- *Trois comédies de Plaute* (1683). Traduites en françois par mademoiselle Le Fevre, avec des remarques et un examen selon les règles du théâtre. Paris : Deny Thierry et Claude Barbin, 1691, 3 tomes. Avec privilège du Roy. (Ed. Bilingue disponível *online*: <http://books.google.fr>)

- *Les comédies de Terence* (1683). Avec la traduction et les remarques de Madame Dacier. Rotterdam: Aux dépens de Gaspar Fritsch, 1717. 3 volumes in-12; T.I: (Préface, Vie de Térence), 511p., frontispice et 18 planches hors-texte dont 2 dépliantes, de Bernard Picart. T.II: 485p., 17 planches. T.III: 431p., 11 planches. Soit au total 48 planches hors-texte. (Ed. Bilingue disponível *on-line*: <http://books.google.fr>)

Outra Edição mais antiga disponível na Gallica:

- *Les comédies de Terence*. Traduites en François avec des remarques par Madame D*** (1683) Paris : Deny Thierry et Claude Barbin, 1683, tome I. Avec privilège du Roy. Ed. Bilingue disponível on-line: <http://books.google.fr>

Traduções (do grego)

- *Les poésies d'Anacréon et de Sappho* (1681). Traduites du grec en François, avec des remarques, par Mme Dacier, Nouvelle Edition augmentée de notes latines de Mr Le Fevre à Amsterdam, chez Paul Marret. M DC XCIX (1799) (Ed. Bilingue Disponível on-line: <http://books.google.fr>)

- *L'Iliade* (1699). Traduite en François avec remarques, préface, et La Vie d'Homère, par Madame Dacier, 3 volumes in12, tome I : 522 pages, préface, La vie d'Homère, livre I à livreVI ; tome II : 621 pages livre VII à livre XV ; tome III : 664 pages livre XVI à livre XXIV. 1711, chez Rigaud à Paris, MDCCXI (1711) avec privilège du roi. Avec un frontispice de Coypel. 10 x 17cm.

- *L'Odyssée* (1708). Traduite en François, avec des Remarques par Mme Dacier. 3 tomes, Paris, Rigaud Imprimeur, 1716, (10 x17 cm). Première édition de la traduction de l'Odyssée par Madame Dacier. (Disponível on-line na Gallica edição de 1818, Paris: Auguste Delalain, Tomo I e II, Ed. bilingue em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113243c.r=mme+dacier.langPT>)¹⁴

Referências

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007 [1985].

_____. Esquisse d'une méthode. In: Pour une critique des traductions: John Donne. Paris: Gallimard, 1995. p. 64-97.

CONLEY, John J. *The Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/dacier-a/>>. Acesso em: 16 nov. 2010.

DACIER, Anne Le Fèvre and de la Fosse, Antoine, *Les Poésies d'Anacréon et de Sappho* (1681) *Online Anthology of Prefaces and Criticism*. Paper 18. Disponível em: <http://scholarworks.umass.edu/french_translators/18>. Acesso em: 21 nov. 2011.

DELISLE, Jean; Woodsworth, Judith. *Les traducteurs dans l'histoire*. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa, 1995. Disponível em: <<http://books.google.fr/books?isbn=2760304124>>. Acesso em: 30 out. 2010.

¹⁴ Para consulta das capas de diferentes edições (L'Iliade; L'Odyssée): <<http://homere.iliadeodysee.free.fr/traducteur/dacier/dacier.htm>>.

GARNIER, Bruno. Anne Dacier, un esprit moderne au pays des anciens. In : Delisle, Jean. *Portraits des traductrices*. Ottawa : Presses de l'Université d'Ottawa/Éditions Unesco, 2002. Disponível em: <http://books.google.fr/books?id=L_JyNodKmNwC&lpg=PP1&dq=delisle&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 out. 2010.

ENCYCLOPEDIE LATIN-FRANÇAIS. Disponível em: <<http://www.tradeona.com/anne-dacier-latin-francais/>>. Acesso em: 27 out. 2010.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris : éditions du Seuil, 1982.

GENETTE, Gérard; LEWIN, Jane E. *Paratexts: Threshold of Interpretation* (literature, Culture, Theory). Cambridge: University Press, 1997.

HOOF, Henri van. *Histoire de la traduction en Occident: France, Grande-Bretagne, Allemagne*. Paris : Edition Duculot, 1991. Disponível em: <<http://books.google.fr>>. Acesso em: 28 out. 2010.

LEGER, Benoit. Vie et mort du traducteur : de l'Ancien Régime au Second Empire (1727-1857) *Revue : TTR : traduction, terminologie, rédaction*, v. 19, n. 1, 1º semestre 2006, p. 31-52. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/016658ar>>. Acesso em: 24 out. 2010.

LEJAY, P. (1908). Anne Dacier. In: *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company. Retrieved August 13, 2010 from New Advent: Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/04602b.htm>>. Acesso em: 24 out. 2010.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA YEE, Raquel da. O processo criativo de Manuel Odorico Mendes através dos manuscritos da tradução da *Iliada*. *In-traduições*, 2009. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/intraducoes/public/papers/2_2010/artigo_2_2010_raquel_da_silva_yee.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2010.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/New York: Benjamins, 1995.

Recebido em 31 de janeiro de 2011.

Aceito em 15 de maio de 2011.

NARCELI PIUCCO

Doutoranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: narcelpiuccio@yahoo.com.br.